

DIÁRIO PT METAL

NEWSLETTER

ANO : I JANEIRO 2026

NEWSLETTER #6



Há sempre aquele conforto em ver rostos conhecidos a tomar conta de algo com potencial. Não é por isso que “Place of Indulgence” é um disco de estreia menos desafiante. Orientado por Melek Taus e pelo sempre irrequieto Melkor, está aqui uma tremenda proposta de black/death metal sinfónico pronto para desafiar rótulos. É Melkor quem pausa a sua (aqui bem explicada) omnipresença para nos explicar o processo de nascimento e crescimento desta entidade chamada Nekromatics.

Logo para começar, esta tem que ser, e é para o Melkor: onde é que ainda se arranjam ideias para um disco novo, de um projecto novo, a praticamente cada mês e onde se arranja tempo, por exemplo, para dormir?

A verdade é que, para mim, o processo é menos caótico do que parece visto de fora. O motor criativo da Nekromatics é o Melek Taus, ele é quem abre cada portal. Todas as guitarras, toda a espinha dorsal rítmica, toda a primeira faísca nasce dele. Quando recebo as composições, o meu papel é quase cirúrgico: corto onde sinto que a estrutura precisa de respirar, ajusto repetições, e depois começo a erguer o resto da entidade.

A partir daí, entro no meu domínio: baixo, teclas, atmosferas, letras e vozes. É como vestir um cadáver com nova pele, a forma já existe, mas a alma ainda não. E é nesse ponto que eu e o Melek Taus nos cruzamos de forma mais intensa, porque as ideias dele acabam por influenciar a forma como eu escrevo e interpreto cada tema.

Quanto ao tempo... não existe grande segredo. Entre trabalho, família e os meus próprios projectos pessoais, vou roubando horas ao silêncio. Gravo ideias quando elas aparecem, mesmo que seja tarde demais ou cedo demais. Não é uma questão de dormir menos, é uma questão de saber quando a inspiração está a chamar e não a deixar escapar. Quando se vive dentro deste

ciclo de criação constante, o descanso acaba por ser apenas mais uma forma de incubar o próximo ritual.

Quanto a Nekromatics, é um projecto muito particular e de conceito muito próprio. Como foi a génese desta banda e como se deu esta colaboração?

A génese da Nekromatics foi tão inesperada quanto natural. Eu e o Melek Taus cruzámo-nos num festival onde ambos íamos tocar, cada um com a sua banda, e o único ponto em comum entre nós era o vocalista. Nada fazia prever que dali nascesse um novo projecto, até que, algum tempo depois, o Melek Taus me contactou pelas redes sociais. Partilhou comigo a visão que tinha: algo mais sombrio, mais técnico, mais ritualístico, uma entidade que unisse composição meticulosa com uma estética necromântica muito própria. Perguntou-me se queria embarcar com ele nessa jornada, e a partir desse momento tudo se tornou surpreendentemente simples.

A química criativa surgiu de imediato. Ele trouxe as guitarras, a estrutura e a faísca inicial; eu trouxe a carne, o espírito e a voz. Trabalhamos rápido, de forma intuitiva, mas sempre com profissionalismo e foco. Cada tema nasce quase como um ritual, sem esforço forçado, sem ruído desnecessário. Nekromatics não foi planeado ao detalhe; foi invocado. E desde então, temos seguido o caminho que o próprio som nos dita.



No trabalho a dois, como são construídas as músicas? Há uma divisão de tarefas, vão experimentando coisas, ou há um processo misto?

O processo na Nekromatics é muito claro e, ao mesmo tempo, profundamente intuitivo. Como já referi, o verdadeiro mentor da banda é o Melek Taus, é ele quem ergue a estrutura inicial de cada tema. Todas as guitarras, toda a espinha dorsal rítmica e a direção geral da composição nascem das mãos dele. Quando recebo esse esqueleto, o meu papel é dar-lhe carne e espírito.

A mim cabe “preencher os vazios”: baixo, teclas, atmosferas, voz, e no final todo o trabalho de mistura e masterização. Mas apesar desta divisão natural de tarefas, nada é feito em isolamento. Existe uma comunicação constante entre nós, quase como se estivéssemos a afinar um ritual em tempo real. Ele envia-me ideias, eu devolvo interpretações; ajustamos, cortamos, expandimos. É um processo fluido, rápido e muito orgânico.

No fundo, Nekromatics funciona porque cada um sabe exatamente qual é o seu território e ao mesmo tempo ambos deixamos espaço para que a música respire e se transforme. É essa simbiose que faz com que cada tema pareça nascer já com uma identidade própria.

A vossa música sinfónica remonta um pouco ao virar do milénio, quando esse era um elemento a que se recorria muito na música extrema. Houve uma tentativa consciente de invocar outros tempos ou estas canções simplesmente tinham que soar assim?

A sonoridade sinfónica que se ouve em Nekromatics não nasceu de uma tentativa consciente de revisitar o virar do milénio, embora seja impossível negar que esse período deixou marcas profundas em quem cresceu dentro da música extrema. As canções surgiram de forma natural, moldadas pelas nossas influências, não seguimos nenhuma banda em particular, nem procuramos replicar um som específico. O que existe é um eco dessas raízes, transformado

pela nossa própria visão.

As orquestrações, as atmosferas e a forma como integramos o peso das guitarras com a dimensão sinfónica são resultado direto daquilo que somos enquanto músicos. E, apesar das influências serem notórias, o nosso foco sempre foi encontrar a nossa própria entidade. Hoje sinto que essa identidade já está bem marcada: um equilíbrio entre o familiar e o desconhecido, entre a memória do género e a forma como o reinterpretamos através de Nekromatics.

Encontram-se paralelismos com as vossas outras bandas e, com certeza, todos terão as suas bases de comparação. Existem bandas, ou discos, que vos tenham servido de referência, que considerem mais improváveis?

É impossível negar que todos trazemos connosco ecos das bandas que moldaram o nosso percurso dentro da música extrema. Moonspell, Cradle of Filth, Old Man’s Child ou Dimmu Borgir fazem parte desse universo que nos influenciou em diferentes fases da vida, e é natural que alguns desses elementos acabem por surgir, mesmo que de forma subtil, em Nekromatics. Não porque tentemos seguir esses caminhos, mas porque fazem parte da nossa formação enquanto músicos. Ainda assim, nunca houve a intenção de soar a nenhuma dessas bandas. O que fazemos nasce de forma orgânica: o Melek Taus compõe com a sua própria visão, eu acrescento as atmosferas, as vozes e a produção com a minha sensibilidade, e no final a música transforma-se numa entidade que já não pertence a nenhuma referência específica. As influências estão lá, claro, mas diluídas, distorcidas e reconfiguradas até deixarem de ser reconhecíveis. O nosso objetivo sempre foi encontrar a nossa própria identidade. Nekromatics respira por si, alimentado por memórias do género, mas guiado por uma visão que é exclusivamente nossa.



De que falam as letras de “Place of Indulgence”? Um título como “Love, Murder and Mental Issues” até parece bastante revelador!

As letras de “Place of Indulgence” exploram diferentes formas de decadência humana, física, emocional e espiritual. Cada tema funciona como um fragmento de um mundo em ruína, onde a morte, a loucura e a ilusão se cruzam de forma inevitável. Não há uma narrativa linear, mas há um fio condutor: a ideia de que todos carregamos sombras que, quando libertas, revelam a verdadeira natureza do que somos.

No caso de “Love, Murder and Mental Issues”, o título é quase uma confissão antecipada. A música mergulha na fragilidade da mente humana e na forma como a obsessão, o amor distorcido e a perda de controlo podem transformar alguém num reflexo monstruoso de si próprio. Não é uma história de violência gratuita, é um retrato psicológico, uma descida lenta a um lugar onde razão e delírio se confundem.

No fundo, o álbum inteiro é um espelho partido: cada música mostra um fragmento diferente daquilo que tentamos esconder. E é nesse confronto com o lado mais sombrio da existência que Nekromatics encontra a sua identidade.

Já começam a pensar no futuro de Nekromatics e a ter já em mente como possa vir a ser um sucessor?

A verdade é que o futuro de Nekromatics começou a escrever-se quase ao mesmo tempo que terminámos o primeiro álbum. O Melek Taus não brinca, aquela cabeça não pára um segundo e por isso mesmo já temos grande parte do segundo álbum praticamente concluído. As ideias surgem-lhe com uma velocidade quase inquietante, e eu limito-me a acompanhar o ritmo, a moldar as atmosferas e a dar voz às entidades que ele invoca.

O mais curioso é que não estamos a tentar repetir a fórmula do primeiro disco. O sucessor está a ganhar uma identidade própria, mais densa, mais obscura e, de certa forma, mais madura. Há uma evolução natural, quase inevitável, como se a entidade Nekromatics estivesse a crescer e a exigir novas formas de se manifestar.

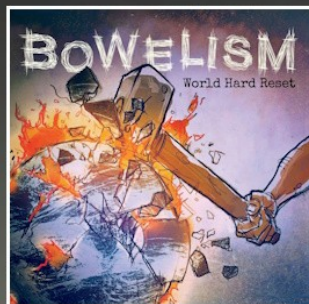
Não pensamos demasiado no “plano” ou na “estratégia”. Trabalhamos quando a inspiração chama, e ela tem chamado com força. Se tudo continuar neste ritmo, o segundo capítulo da Nekromatics não só vai chegar mais cedo do que o esperado, como vai mostrar uma faceta ainda mais profunda daquilo que esta entidade pode ser.

Estará, alguma vez, em cima da mesa a possibilidade de levar Nekromatics para os palcos e para a estrada?

Levar Nekromatics para os palcos não foi uma possibilidade, foi sempre o objectivo final da banda. Desde o primeiro riff que o Melek Taus compôs, percebemos que esta entidade não podia ficar confinada ao estúdio. A intensidade das músicas, o peso das atmosferas e a própria estética pediam um corpo físico, um espaço onde a energia pudesse ser partilhada e sentida. Neste momento já estamos a ensaiar, a preparar a transição do ritual de estúdio para o ritual ao vivo. Se tudo continuar a evoluir como tem acontecido, este ano vamos finalmente apresentar a Nekromatics em palco. Queremos que cada concerto seja mais do que uma actuação, queremos criar uma experiência, um ambiente onde som, presença e escuridão se fundam numa só entidade.

Texto : Christopher Monteiro

Maledict Records



maledictrecords.bandcamp.com



Notícias mais tristes vieram da parte dos **Holocausto Canibal**. Diogo P., após um longo percurso na bateria da banda, desde 2009, com colaborações já anteriores a isso, deixa o seu kit “vago”. Foi uma decisão ponderada e garante que nunca deixará verdadeiramente de fazer parte da banda. Uma nota positiva que abre porta às boas novas: a despedida que já aconteceu, no dia 23 de Janeiro, um “Último Massacre Canibal”, no Socorro, com ajuda dos Capela Mortuária. E, claro, o alinhamento já renovado, que conta agora com Jordi L., cara conhecidíssima do underground, e que até já conhece o kit dos Holocausto Canibal para ocupar a posição de novo baterista.



A Larvae Records fechou o ano que passou com notícias deliciosas, a anunciar a expansão do seu plantel. Foi a 31 de Dezembro que nos deram a notícia de que as **Queimada**, promissor trio emergente com nomes já consagrados no underground, já fazem parte da família Larvae e a muito promissora estreia, intitulada “Contra Todas as Adversidades” está para breve. Enquanto aguardamos informações sobre a data de lançamento, já pudemos desfrutar de “Drowned”, primeiro single, lançado no passado dia 22.



Boas notícias também chegaram dos **Morto**, que já têm um sucessor de “Morto Vivo” pronto para nós, com muito death metal podre old school para nosso agrado. O selo de qualidade desta dupla volta a ser da Larvae Records. Aguardamos mais informações sobre data e alinhamento

TERRAMOTO TERRAMOTO



METAL | ROCK
CD & VINIL



METAL | ROCK
CD & VINIL

www.facebook.com/terramotodiscos

deste novo trabalho que já sabemos que chamar-se-á “Tales from the Crypt”.

soul of anubis

Os **Soul of Anubis** sabem como acentuar o nosso interesse, enquanto esperamos pelo próximo disco que já poderemos ouvir no dia 20 de Fevereiro. Essa obra, intitulada “Ritual”, já pôde contar com um demolidor segundo single, “Mind Crusher”, que vem para surpreender e mostrar que não estão para brincadeiras: o convidado especial é “apenas” Keijo Niinimaa, dos lendários Rotten Sound!



O laço familiar entre os **Disaffected** e a Larvae Records só fortalece. Para além do novo disco, ainda a causar muita moça, foi anunciado recentemente que o clássico “Vast” verá os seus trinta anos comemorados com uma reedição, em vinil, com três variantes de cores, por mão da Larvae e da Firecum Records. Não havia melhor maneira de celebrar três décadas de um ainda tão fresco clássico do death metal técnico português!



Os **A Dream of Poe** estavam a fazer contagem decrescente para alguma coisa, que culminaria no dia 19 de Janeiro.

ETHEREAL SOUND WORKS
independent portuguese label

www.etherealsoundworks.com

Conhecedores até saberiam que essa é a data de nascimento de Edgar Allan Poe, musa de inspiração da banda açoriana. Mas não seria só isso, tinha que se dar profundidade a essa data. E afinal era a altura ideal para anunciar que "Katabasis: A Marriage Among Ashes", próximo álbum, está finalmente pronto, após um processo de criação, ressurreição, recriação e muita persistência, devido a um trágico incêndio que destruiu equipamento, material pronto e qualquer moral evidentemente abalada por tamanho azar. Mantemos o positivismo enquanto aguardamos mais detalhes sobre o disco.

BUZARATE

"Gravitas" é o título do EP de estreia para o projecto **Buzarate**. Natural da ilha da Madeira, mas a residir no Cartaxo, o mentor deste projecto lança um EP de 4 temas muito situado no Doom/Sludge . Este trabalho foi lançado em Dezembro de 2025 e tem a particularidade de ter letras em português.

ANIMA

Novo nome na cena nacional são os **Anima**, um projeto de cyber metal/metal moderno, que mescla instrumentos e sons eletrónicos com uma forte identidade visual. Acabam de lançar em Janeiro "Last Fragments" o álbum estreia, que foi antecipado pelo single e videoclipe intitulado "Viral Nation".

THROUGH VOID

Os mais atentos já estarão de ouvido erguido com os **Through Void**, que transitaram de ano a revelar coisas em relação ao disco de estreia, como o título, a capa em fragmentos e dois demolidores singles. O tão aguardado álbum está agendado para o dia 6 de Fevereiro e intitular-se-á "Forsaken", lançado pela mão de confiança da Maledict Records.

MARLON RUIVO

Os **Marlon Ruivo** são um coletivo de Lisboa que opera entre o punk-rock / alternativo, o spoken word e a distorção. Em junho de 2025 lançaram o EP "Styrofoam", gravado nos "The Pentagon Audio" com Fernando Matias, um trabalho intenso que já passou por várias rádios nacionais. Desde a sua formação, a banda tem passado por diferentes salas, associações e festivais, construindo uma relação direta com o público através de atuações intensas. A experiência acumulada em palco tem sido central para a evolução do projeto e para a forma como as canções ganham corpo.

CORROÇÃO CAÓTICA

Uma grande notícia, relativa a um clássico, chegou a nós: os **Corrosão Caótica**, ícones do punk nacional das décadas de 80 e 90, que também constarão entre os pioneiros do crossover, vão editar em disco um concerto de 1995. "Ao Vivo no Johnny Guitar 1995" já está disponível para ouvir no bandcamp da Rastilho, com versão física para 2 de Fevereiro. Este registo deste lendário grupo promete conquistar novos fãs e mostrar o quão bem envelheceram as suas coléricas mensagens.

MORBID DEATH

Os açorianos **Morbid Death** vão voltar a marcar sua presença no underground nacional. Têm em produção o seu próximo álbum e terá o título "Veil of Ashes".



Este será o seu quinto álbum de originais, aos quais se juntam após o fim da sua banda anterior decidiu construir um EP de duas demo-tapes, 1 Ep e 1 Dvd ao vivo. Este lançamento está a cargo da Firecum Records e do Museu já falecidos, mas que sempre foram uma força e incentivo no Heavy Metal Açoriano, com edição em Digipack e em vinil. crescimento musical deste músico que deseja manter-se no Entretanto já esta disponível o single do tema "Hole Worm" e anonimato. muito em breve sairá um video de outro tema deste novo álbum.



FireFight é um projeto de um músico da ilha Terceira que

seis músicas suas. Este trabalho é uma dedicatória a seus pais como XI_ na bateria (Gaerea), Paulo Gonçalves nos vocais (Fonte, Rasgo), Marco Lote nos vocais melódicos (Skar, Next, Absinto), Marta Inácio nos vocais melódicos (Break, Double Trouble, Coxe, Martha's Garden, Art Capital), Nuno Martins nas guitarras solo e clássica, e Dário Coelho (Bailinho de Santa Bárbara), além de amigos no trompete e saxofone. Este foi um trabalho gravado nos Waveyard Studio com Tiago Alves e podem conhecê-lo e ouvi-lo em <https://firefight.pt>.



Pitch Black "Thrash Killing Machine"

Celebrada a marca das duas décadas (!!!), março de 2025, e considerando a preponderância do registo em questão, umas linhas nesta rubrica, ainda que se trate de uma homenagem singela, são mais do que merecidas.

Findo um primeiro período como Withering - um tanto conotado ao doom metal -, a demo de 2002 «Under The Ground» acabaria por ser um marco nacional, talvez não pelos temas aí contidos, mas antes por ter oficializado o nascimento de um dos nomes mais célebres do thrash metal luso, **Pitch Black**.



Editado em 2005 via Recital Records, "Thrash Killing Machine" confirmou uma banda de qualidade numa altura em que: a) O próprio género não se encontrava dentro do círculo da popularidade, em geral; b) Com a ascensão do MP3 e dos downloads, as vendas físicas já se verificavam em decréscimo.

Poderá não ser o mais inovador, verdade - 10 temas de thrash puro e duro com todas as influências à superfície, o que não significa, de todo, que seja insípido. Pelo contrário. Mas por tudo aqui descrito, assim como estas linhas, o lugar no Quadro de Honra é mais do que justo.

(D.F. 02/2026)



[@SOUNDSTORE_MUSICSTORE](https://www.instagram.com/soundstore_musicstore)

www.soundstore.pt

Loja física e digital de discos Vinil, Cd's, DVD's, gira discos, leitores de cd, colunas, amplificadores...

HORA HEAVY METAL
EST. 2021
RADIO SHOW

Qua. 21:00	Qui. 24:00	Seg. 21:00	Seg. a Sex. 23:00
Dom. 23:00	Qua. 23:00	Qui. 23:00	Sab. 24:00

Black Mold – “Antinomy” Helldprod Records

São fãs de black metal e não são tinhosos, nem coninhas, e já são capazes de admitir que a fase dos Darkthrone pós-“The Cult Is Alive”

é, na verdade, um espectáculo? Então peguem lá duas coisas: a primeira é um cumprimento por parte deste mesmo escriba, que concorda plenamente com isso; a outra é uma recomendação: os Black Mold.

Que não será necessária para os mais atentos, que já estavam familiarizados com o veneno e ferocidade que a banda já tinha lançado antes. “Antinomy” é a nova proposta, que continua a escarrar black metal potente, com uma perigosa injeção de punk a tornar a coisa mais intimidante ainda. Desde a voz, aos riffs, ao ataque armado da bateria, “Antinomy” vem mesmo para demolir. De tal forma que, até mesmo nas canções mais midtempo, nem sentimos que alguma coisa tenha propriamente abrandado. E é através dessa mesma variedade que conseguem manter este curto registo dinâmico e variado, quando é mesmo para ser directo e breve. Sete petardos, sete incisões assim sem anestesia, (incluindo uma “Outro” que é só mais uma malha, não há cá conclusões e saídas ambientais para estes lados) sem poupar pescoços. Passa num instante. E nem é só por ser breve. (C.M.)

Push! - “Plowing Ahead” Useless Pride Records, Frozen Records

O hardcore parece estar de muita boa saúde no nosso país, há já uns bons e contínuos anos. Para os lados de Lisboa, também não há ares de abrandar. Os Push!, que já se vão fazendo veteranos, têm um potente novo disco,

“Plowing Ahead”, que fará as delícias de quem gostar do seu hardcore no modo mais straightforward, seduzindo também quem gosta dele na sua forma mais metalizada. São menos de trinta minutos de pura intensidade, com temas curtos e grossos. Se procuram algo de muito inovador, realmente terão que procurar noutro sítio. Por aqui parece que a única preocupação era em tornar as coisas mais intensas.

Para um registo destes, realmente faz-se assim uma apreciação simples mas podemos pegar nisso mesmo, nessa



procura do “mais”, para esmiuçar um pouco. Ao que parece, até já havia disco pronto há um ano, mas a malta do hardcore teve que esperar. Os Push! quiseram voltar atrás e fazer uns rearranjos, um retratamento, refazer algumas coisas para tornar tudo um pouco mais forte, pesado e poderoso. A tal procura pelo “mais”. Nem podia ser de forma mais directa. O curioso é que é assim que “Plowing Ahead” soa: a uma banda que se quer superar a si própria. Tudo do mais simples. Porque é isso que tem que se fazer valer. A pit parece estar pronta e à espera. Os fãs de Devil in Me ou For the Glory não andam a dormir e a deixar passar estes “tough guys with feelings” que já se andam a dar a conhecer bastante lá fora, pois não? (C.M.)

The Ominous Circle - “Cloven Tongues of Fire”

Osmose Productions

Talvez muitos já tivessem aceitado que os The Ominous Circle fossem um projecto passado, de apenas um disco. E que disco. Ficava ali aquele buraco negro para visitar a cada altura que estejamos mesmo a precisar de mergulhar num abismo e (tentar) sair de lá com uma boa barulheira a ecoar nos ouvidos. E afinal, oito anos depois, erguem-se do Inferno estas “Cloven Tongues of Fire”, mais um paredão sonoro de death metal cavernoso que consegue ser experimental sem lhe retirar qualquer brutalidade.

Segue a mesma linha de “Appaling Ascension” sem ser igual. Talvez possamos mesmo dizer que seja mais escuro ainda. Ou torturante. A atmosfera também arrefeceu, com um maior recurso ao black metal, sem o deixar tomar conta. Uma malha como “Black Flesh, Sulfur, and All in Between” é um bom exemplo da progressão sonora que estes misteriosos encapuçados conseguem ter no decorrer do disco e dentro de um só tema. Não é de admirar que já tenha constado em tanta lista dos melhores do ano por esse mundo fora já que, no meio de tanta banda de cara tapada e de tanta banda a brincar aos Portals, aparecem uns Ominous Circle sem qualquer cliché e com algo desta brutalidade. (C.M.)



Ashes in the Ocean - “Collapse”

Ocean Records

Sente-se por lá fora um certo revivalismo do metalcore, muito graças à sua reinvenção e inserção num rock mais polido, melódico e antémico, se essa palavra já começar a fazer parte dos vocabulários do povo. Também já se começa a povoar essa vertente por cá e os Ashes in the Ocean, jovem quarteto de Fafe, não pensa ficar parado a ver essa onda passar. Já manda aqui uns berros para se chegar à frente, a ver se lidera esta procissão.





E fazem-no ainda com uma pequena amostra. "Collapse" é um EP que compila os cinco temas que têm servido de cartões de visita para a banda, ao longo do seu percurso em palcos por esta península fora, a conquistar fãs de metalcore que não resistam ao refrão de pulmão cheio e ao breakdown simples mas certo. Já se armam com as ferramentas deste metalcore mais moderno, sem negar a juvenildade naquela parte melódica mais adocicada, mas com composições já bem maduras. Algum escriba mais tolo até pode chamar a isto de "stadiumcore" e, sabendo que não é para o gosto de todos, é bom que se habituem, já que ainda vão aparecer muitas vezes. Fãs de Bring Me the Horizon, Architects mais recentes, Bad Omens, ou Motionless in White, têm aqui um crescimento para acompanhar. (C.M.)

Necro Algorithm - "Machina Omnipotens"

Ethereal Sound Works

Nas entranhas do sul português, onde a escuridão pulsa ao ritmo de circuitos e aço, o Necro Algorithm forjou "Machina Omnipotens" um manifesto sonoro de aniquilação. Aqui não há redenção, apenas a inevitável marcha das máquinas sobre os restos da humanidade. O Melkor, arquiteto desta ruína, construiu um templo de desolação onde cada nota é um prego na cruz da nossa extinção. O D-Void e o Jeroen são seus cúmplices nesta sinfonia de extermínio, tecendo o funeral da espécie humana com precisão letal.

Este trabalho é frieza absoluta. As guitarras do Melkor dilaceram. Riffs que são lâminas afiadas, complexos e implacáveis, desenham o mapa de um mundo onde a carne é apenas memória. O Jeroen na bateria é o coração de ferro desta máquina, marcando o compasso da perdição com uma precisão que não conhece clemência. Cada batida é um martelo caindo sobre o crânio da humanidade. Faixas como "Algorithmic Apocalypse" e "Cognitive Collapse" são hinos de ruína, onde a técnica se torna arma de destruição em massa.

Mas no coração desta máquina infernal, há ainda um

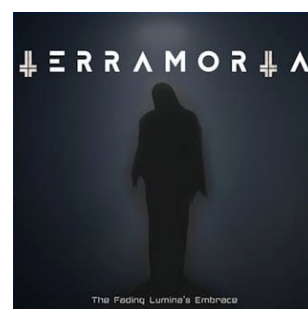


sussurro de alma. Os solos do D-Void são o grito final da humanidade, um lamento que ecoa nas câmaras vazias da consciência. Em "Erased Humanity", o seu instrumento chora a última lágrima antes do silêncio eterno. É nesta dualidade que reside a verdadeira força de "Machina Omnipotens": a técnica brutal abraçada pela emoção pura, o homem e a máquina numa luta final onde já sabemos quem vence. O disco não apenas soa, ele conta a história da nossa morte, e nós somos convidados a dançar no seu funeral. "Machina Omnipotens" é um trabalho que exige ser ouvido na penumbra, em silêncio absoluto, porque é um sussurro de condenação. O Necro Algorithm criou um álbum de Death Metal técnico e criaram um réquiem para a era humana. É desconfortável, é brutal, é necessário. Para aqueles que encontram beleza na ruína e verdade no desespero, isto é a salvação através da perdição. (A.R)

Terramorta - "The Fading Lumina's Embrace"

Magnus Pike Records

Uma surpresa de final de ano, pode mesmo dizer-se que tenha sido uma prenda de Natal, que ainda caiu ali naqueles dias. Sem rodeios ou aviso prévio, os Terramorta lançaram um disco novo, "The Fading Lumina's Embrace". É para manter a vertente de black e death metal fundidos e embebidos em arranjos sinfónicos. Que já fosse essa a constituição do ainda recente "Chronophobia", não é isso que indica que aqui mantém-se tudo igual. No curto intervalo entre discos, já se sentiu o crescimento. E também tem que esclarecer qualquer dúvida que um distraído ainda possa ter quanto à especial atenção à atmosfera e ao efeito que tenha sobre o peso. Por norma é nenhum. No caso deste "The Fading Lumina's Embrace" é capaz de o realçar mais ainda. Terminologia como "black/death sinfónico" pode induzir em erro e trazer à mente referências e influências que até se podem sentir, mas são insuficientes. Os Terramorte inspiram-se no seu próprio negrume e o cenário apocalíptico onde se movem é deles, não é dos Cradle of Filth, ou dos Behemoth, de alguma banda mais obscura do virar do milénio como Aeternus ou Mactatus, ou de algo mais melódico como os Graveworm. Conseguimos detectar disso por aqui, sim. Mas lá está, é limitado. Os tais arranjos sinfónicos não se sobrepõem à parede sonora criada pelos riffs, e o seu peso não descarta melodia. Com o crescimento



Portal Metal
O PORTAL DO METAL PORTUGUÊS

PORTAL METAL

VISITA-NOS!
<https://portal-metal.pt>

NOTÍCIAS DIÁRIAS | ENTREVISTAS | REVIEWS

@portalmetalpt
@portalmetalpt
@portalmetalpt



de bandas como os ANZV (já nem vale a pena estar a falar em “crescimento” dos Gaerea), é pertinente ter em conta que os Terramorta também não fiquem longe. (C.M.)

Ira Satana - “Black Mass Orgy”

Studios13

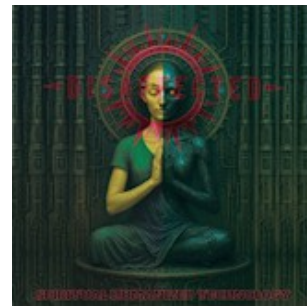
Pronto, é mesmo nas páginas que abrem esta mesma edição que poderá estar fisicamente nas vossas mãos, ou a ser folheada digitalmente, que Melkor, como porta-voz da Nekromatic, explica-nos realmente a naturalidade com que consegue ser tão profícuo e que não parece haver complicações com o tempo necessário para aparecer aqui nas nossas páginas todos os meses. E ficamos esclarecidos. Então agora que já estamos assim tão esclarecidos, peguem lá mais um projecto, mais um disco, mais uma descarga de música extrema que não parece pretender deixar crucifixos no sítio ou, pelo menos, sem lhes mudar a posição. “Black Mass Orgy”, estreia da entidade Ira Satana, é do mais fiel ao black metal assim, sem rodeios, que Melkor talvez faça desde, quiçá, os grandes Martelo Negro. Sempre inventivo na arte da fusão de alguma coisa, de engrandecer sonoridades, ou de enveredar por outros caminhos igualmente extremos, com Ira Satana a fonte é o black metal e só daí já mata toda a sede. Não resiste sempre a dar-lhe algum toque, especialmente quando é um músico tão



preocupado com a atmosfera, mas em “Black Mass Orgy” as coisas querem-se nuas, cruas, ritualistas e, sem que isso seja um palavrão, simples. Mesmo com uma “The Ninth Gate of Hell” a gingar mais à Satyricon, não significa que vem para aqui copiar só as referências norueguesas, mesmo que sejam inevitáveis. É black metal sem necessidade de prefixos ou sufixos, mas já vem com identidade própria, um interessante casamento entre a brutalidade e velocidade da sua forma mais extrema e uma densa camada ambiental, e uma promessa de um futuro risonho. Serão uns longos meses à espera do sucessor! (C.M.)

Disaffected - “Spiritual Humanized Technology” Larvae Records / Firecum Records

Desde o primeiro tema que os teclados de Pedro Raimundo são um dos aspectos que mais saltam à “vista” neste lançamento; com apontamentos e diversos tipos de sons desde o piano a acentuar os acordes (“Dreaming V”); a emulação de vozes (“The Stream We Abide”); ou cordas (“In Silence Deep”). Outro aspecto a destacar é a presença do baixo de António Gião na mistura: “Sleeping With Aliens” é um tema em que o baixo brilha particularmente no meio do ambiente sonoro. O regresso de José Costa como vocalista é logo destacado desde a primeira palavra que entoa, variando de registo vocal desde o cantado (“In Every Dawn”) à narração em pontos diversos (“The Stream We Abide”) ao gutural no tema-título. Em “Sleeping With Aliens” sobressai a bateria de Manuel Teles, com diversos fills interessantes que acentuam as mudanças de métrica. Os solos em “Resistance” e “Minds Eye And The Darkness” são excelentes exemplos da sensibilidade melódica de Bruno Vicente. Spiritual é, no seu todo, um álbum, por um lado, complexo musical e líricamente, mas ao mesmo tempo, é um álbum fácil de assimilar para qualquer ouvinte de bandas como Cynic (o timbre das guitarras ao longo do disco), Obscura (atente-se ao quase gutural em “Here in Alpha”) ou Dream Theater (as mudanças de métrica em temas como “Sleeping With Aliens”). Tendo presente tudo o que se ouve neste álbum desde o início ao fim, estamos perante um extraordinário regresso aos lançamentos por parte dos Disaffected e, claramente, um dos pontos altos da carreira destes veteranos do metal progressivo português. (R.A.)



V.A. - "Jeo Works" Ethereal Soundworks

Esta compilação foi elaborada pela discográfica *Ethereal Soundworks* como tributo ao trabalho do produtor e músico Jorge Oliveira (*Jeo*) realizado entre o período de 2006 e 2025 (também teclista dos *Secrecy*, tendo participado no seu disco *Beneath the Lies* de 2004). Como teclista, integrou os *Dark Wings Syndrome*, estando aqui presentes dois temas dessa banda, ambos do álbum *Arcane* de 2010: "Spiritual Emotions", um tema etéreo que recorda as baladas dos *Depeche Mode*, e "Your Hidden Treasure", um tema negro e melancólico em que os sintetizadores têm o destaque. O quarto tema desta compilação é "Psychosong" dos *Lust*, um tema de influência do rock clássico, seguido de "BU" do álbum *Words of Power* de *Susana Silva* que traz uma sonoridade *jazz*, de influência *soul*. Este tema foi produzido por Jorge Oliveira em 2012, demonstrando a variedade de géneros em que este artista se envolveu ao longo dos anos. De seguida, temos "Dying World" dos *OZ*, um tema de *synth-pop* e "Let Me Dream a While" dos *Askashic*. A compilação termina com o tema "The Dance" dos *DRKNSS*, banda de *rock* gótico formada em 1989, tratando-se de um *remix* editado em 2025 no álbum *Six Degrees Below The Horizon*. Mais uma vez nota-se a influência no trabalho de Jorge Oliveira da sonoridade gótica e enigmática dos *Bauhaus*, assim como da escuridão dos *Depeche Mode*, algo que se nota desde o tema que abre o disco, "Democracy's Undead" dos *Doppelganger*. Concluindo, estamos perante um excelente tributo ao trabalho deste músico e produtor que, no seu todo, foi eclético e abrangente tanto em termos de sonoridade como de género. (R.A.)



Mist Crown - "Awake, arise, or be forever fall 'n!"

Independente

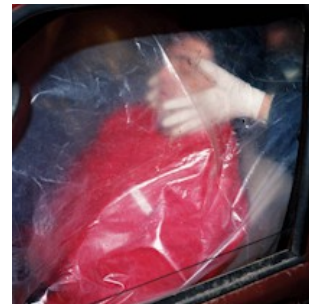
Os Mist Crown são uma banda que se divide geograficamente entre Évora e o Porto, constituída por Sérgio Ramos (voz e letras) e Naits (todos os instrumentos). "Awake, arise, or be forever fall 'n!" é o EP de estreia da banda e o mesmo foi lançado a 30 de novembro de 2025. O título do EP baseia-se num excerto da obra "Paradise Lost" de John Milton. O registo é constituído por 3 temas ("His Defect Drifting On", "The Sun Sets" e "Fall, O Star") de uma sonoridade que se pode enquadrar no Atmospheric Black/Doom/Death Metal.



O melhor elogio que posso fazer a Mist Crown é que trilharam o seu caminho sem estarem presos às suas referências. A voz gutural está bem conseguida e os riffs e o trabalho de bateria são eficazes. O EP conta ainda com teclados que criam atmosferas verdadeiramente épicas. A capa do álbum é muito bonita e consiste em *The Bard (1817)* de John Martin. A produção está acima do que seria expectável para um EP de estreia e edição de autor. (A.A.)

Hetta - "Acetate" Lovers & Lollypops

A promessa já estava feita há muito tempo, os Hetta não apareceram propriamente ontem. Mas não deixou de ser um crescimento rápido. Parecem já ter ultrapassado a barreira da difícil catalogação. Não ao adequar-se e conformar-se com alguma coisa, mas derrubando-a mesmo. Com pontes entre o rock, o punk, o hardcore, o metal, uma esquizofrenia matemática, uns espasmos melódicos e muito caos, pareciam ser a proposta mais difícil de forçar dentro de algum caixote estilístico, talvez desde os já saudosos If Lucy Fell. Que até nem é uma má referência sonora, diga-se. "Acetate", com os seus temas curtos e caóticos (mas não tão directos), até recupera alguns tiques do mathcore de entrada do milénio, algumas coisas que ainda não tinham sido muito exploradas por cá. Satisfaz quem ainda não se tenha conformado com o final dos *The Dillinger Escape Plan*, impressionará quem aprecia as acrobacias musicais criativas dos *At the Drive-In*, pode introduzir a um screamo mais obscuro como de uns *Jeromes Dream*, envolve-se em "sass" e faz uns "flirts" com o feroz emoviolence. O "pior" destas malhas todas nem é a potencial dor-de-cabeça com que ficamos a tentar acompanhar as guinadas todas que isto dá (e aqui estamos a falar de dores de cabeça nos melhores dos sentidos, lá como isso funcione, mas estamos a falar de um estilo de música algo diferente do banal, portanto vale tudo), não é tentar acompanhar qualquer compasso, ritmo ou o que seja, antes de partir rapidamente para o frenesim. É mesmo quando, no meio disto tudo, ainda ficam umas quantas melodias presas na cabeça. Soubéssemos nós imitar a tão peculiar voz do Alex Domingos e saíamos daqui todos a cantarolar a "Pontaria" e a fazer da "Caught Again" uma balada sentimental... Um pouquinho mais alienígena, só. (C.M.)



Diário PT Metal

a/c Christopher Monteiro
Email: diarioptmetal@gmail.com
Facebook/[DiarioPtMetal](https://www.facebook.com/DiarioPtMetal)

Periodicidade: Mensal

Equipa de Redação:

Christopher Monteiro ; André Rosado , Raúl Avelar
Alexandre Almeida, Mário Lino Faria , Ruben Silvestre
Duarte Fernandes



Blame Zeus
RCA Lisboa 2025

@FotosRuben



Blame Zeus
RCA Lisboa 2025

@FotosRuben



Aeleen
RCA Lisboa 2025

@FotosRuben



Malignea
RCA Lisboa 2025

@FotosRuben